

## SOBRE AS ORIENTAÇÕES PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA NA ESCOLA PRIMÁRIA MINEIRA NA REVISTA DO ENSINO (1925 E 1926)

*Flávia Aparecida Britto*  
Doutoranda - Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMG  
*flavia.ufmg@yahoo.com.br*

*Maria Laura Magalhães Gomes*  
Universidade Federal de Minas Gerais – ICEX/FAE -UFMG  
*mlauramgomes@gmail.com*

### **Resumo:**

Este trabalho apresenta uma análise preliminar dos artigos da Revista do Ensino de Minas Gerais que focalizam a matemática, publicados nos anos de 1925 e 1926. Buscou-se perceber, em linhas gerais, como a matemática se fez presente nesses artigos, bem como identificar orientações para o ensino de matemática na escola primária mineira veiculadas no referido impresso. A análise indica algumas aproximações entre essas orientações e as perspectivas da pedagogia intuitiva.

**Palavras-chave:** Matemática, Ensino de Matemática, Revista do Ensino, Ensino Primário.

### **1. Introdução**

Neste artigo, apresentamos os primeiros resultados de uma pesquisa de doutorado intitulada “A prática educativa da matemática na escola primária mineira no decurso do século XX: Uma investigação dos saberes em relação à matemática e ao seu ensino veiculados através da Revista do Ensino (1925-1971)”.

Nossa pesquisa propõe um estudo sobre quais eram as orientações para a matemática e seu ensino preconizadas na escola primária mineira ao longo do século XX. Toma-se, para isso, como fonte principal, os artigos que tratam de temas e questões referentes à matemática veiculados na Revista do Ensino – impresso pedagógico oficial que circulou entre 1925 e 1971<sup>1</sup> e era direcionado aos professores e funcionários da rede pública de ensino do estado de Minas Gerais.

---

<sup>1</sup> Segundo Biccás (2008), a Revista do Ensino foi criada em 1892 por Afonso Pena, mas foi desativada em seguida. Em 1925, no governo de Mello Viana, a Revista volta a circular e mantém suas publicações até o primeiro semestre de 1940, quando sua produção é interrompida em função da Segunda Guerra Mundial. Após a reativação, em 1946, a Revista circula por mais 25 anos e, em 1971, no governo de Rondon Pacheco, é extinta (p.15). Em sua criação, em 1892, a Revista do Ensino apresentava a proposta de servir como instrumento jurídico-administrativo, de informação e de defesa; no entanto, em sua reativação, a partir de 1925, a Revista assume caráter essencialmente pedagógico, com o objetivo de disseminar ações governamentais desenvolvidas na instrução escolar, além de informar e formar os professores nos preceitos pedagógicos

No presente texto, serão focalizados artigos dos exemplares da Revista do Ensino veiculados nos dois primeiros anos de circulação da Revista: 1925 e 1926.

Buscamos, com tal investigação, perceber como a matemática esteve presente na Revista nos anos iniciais de seu ciclo de vida, bem como compreender as orientações veiculadas nos artigos desses primeiros exemplares para o ensino de matemática na escola primária mineira.

## 2. A Revista do Ensino

Biccas (2008), ao analisar aspectos relacionados à materialidade da Revista do Ensino, afirma que a Revista possui características que a fazem ser considerada como o periódico oficial:

mais representativo da história da educação mineira, não só pelo seu longo ciclo de vida, mas pelo papel significativo no processo de formação de professores e conformação do campo educacional mineiro (BICCAS, 2008, p.15).

Tal apontamento, nos indica o relevante potencial da mesma para a pesquisa que realizamos.

Em linhas gerais, os exemplares da Revista do Ensino eram constituídos de publicações que versavam sobre as prescrições, regulamentos, programas e orientações que regiam a escola primária mineira na época de sua circulação, bem como abordavam práticas didático-metodológicas consideradas bem-sucedidas, além de métodos e concepções de ensino e aprendizagem em vigência ao longo de seu período de circulação, cumprindo assim um papel informativo e também formativo, como comentamos (BICCAS, 2008, p.197). Os autores de tais publicações eram, em sua maioria, professores e funcionários do estado que atuavam na educação em Minas Gerais.

O ciclo de vida da Revista do Ensino (1925-1971) coincide com uma fase de efervescência mundial de ideias de inovação pedagógica e escolar (VEIGA, 2007), concomitante a um período de intensificação das reflexões e preocupações com o ensino de matemática em nosso país, que serviram de base para o estabelecimento posterior da Educação Matemática como um campo profissional e científico (FIORENTINI; LORENZATO, 2006).

---

vigentes (BICCAS, 2008, p.42). Por essa razão, delimitamos na pesquisa de doutorado a investigação desse impresso no período que vai de 1925 até sua extinção, em 1971.

Assim, ainda que haja indícios de que o ensino de matemática no Brasil tenha sido praticado, mesmo que de forma pouco desenvolvida, desde o primeiro século do Brasil Colônia (1500-1822) (GOMES, 2012), a Educação Matemática, enquanto um campo profissional de ação, ganha impulso em nosso país apenas a partir do início do século XX.

Fiorentini e Lorenzato (2006), ao descreverem historicamente a Educação Matemática brasileira, destacam a existência de quatro fases:

1ª Fase: Geração da Educação Matemática como campo profissional (período anterior à década de 1970); 2ª Fase: Nascimento da Educação Matemática (década de 1970 e início dos anos de 1980); 3ª Fase: Emergência de uma comunidade de educadores matemáticos (década de 1980); 4ª Fase: Emergência de uma comunidade científica em Educação Matemática (anos de 1990). (FIORENTINI E LORENZATO, 2006, p.16).

Comentando sobre a relevância da primeira fase, a qual coincide com o período de circulação da Revista do Ensino, Fiorentini e Lorenzato (2006) apontam alguns esforços e movimentos que apresentaram grande consequência para a constituição e consolidação posterior da Educação Matemática no Brasil. Dentre eles, estão o surgimento dos primeiros “educadores matemáticos” sob influência do movimento “escolanovista”; a realização dos Congressos Brasileiros de Ensino de Matemática (1955 a 1966); o intercâmbio com educadores matemáticos internacionais e, também, a formação de grupos de estudos em torno do Movimento da Matemática Moderna (décadas de 1960 e 1970) (FIORENTINI; LORENZATO, 2006, p.20).

Consultando os sumários das Revistas do Ensino publicadas entre 1925 e 1940, disponíveis no banco de dados do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas em História da Educação da Universidade de São Paulo – NIEPHE<sup>2</sup>, conseguimos fazer um primeiro levantamento sobre o número de artigos que tratam a matemática ou o seu ensino, considerando apenas o título dos mesmos. Tais informações encontram-se sintetizadas no quadro a seguir:

Quadro 1 - Quantidade de artigos da Revista do Ensino que trazem em seu título referência à matemática ou a seu ensino (1925-1940)

Ano	1925	1926	1927	1928	1929	1930	1931	1932
Nº de artigos relacionados a Matemática ou ao seu ensino	1	9	0	4	9	7	0	0
Ano	1933	1934	1935	1936	1937	1938	1939	1940
Nº de artigos relacionados a Matemática ou ao seu ensino	4	1	1	0	0	0	0	0

<sup>2</sup> Consulta feita através da página [http://www.usp.br/niephe/bancos/rvemg\\_lista.asp](http://www.usp.br/niephe/bancos/rvemg_lista.asp) em 11/12/14. Nesse banco constam os sumários da Revista do Ensino apenas no período 1925-1940.

Verificamos, então, que dos 2200 títulos de artigos da Revista de Ensino relacionados no banco de dados do NIEPHE, 36 fazem referência explícita à matemática ou a seu ensino no período 1925-1940. No entanto, não é possível, neste momento, dizer a respeito da representatividade desse número, uma vez que já temos evidências de que a quantidade de artigos de interesse para nossa pesquisa é, na verdade, superior ao que se apresenta no Quadro 1, isso porque alguns artigos abordam a temática sem uma indicação explícita em seu título. É o caso, por exemplo, do artigo “Aulas Modelo” do ano 4, nº35, de julho de 1929, que aborda o modo como a aritmética e a geometria poderiam ser ensinadas dentro da proposta de trabalho de alguns temas como, por exemplo, o aluno e a escola e a cultura da laranja.

Na pesquisa de doutorado, pretendemos verificar todos os exemplares da Revista do Ensino publicados entre 1925 e 1971 a fim de complementar as informações disponíveis no Quadro 1. Após isso, todos os artigos identificados com a temática de interesse serão lidos e analisados, com a proposta de trazer compreensões sobre a prática educativa da matemática na escola primária mineira do século XX, até 1971.

Neste trabalho, porém, focalizaremos somente os 10 artigos referenciados no Quadro 1, que foram publicados nos dois primeiros anos de circulação da Revista do Ensino (1925 e 1926). Nosso objetivo é o de perceber, em linhas gerais, como a matemática se fez presente nos exemplares investigados da Revista, e, também, identificar orientações para o ensino de matemática na escola primária mineira apresentadas nos artigos da Revista selecionados para estudo.

### **3. Investigação dos artigos da Revista do Ensino que tratam a matemática ou o ensino de matemática (1925 e 1926)**

Os artigos a que nos referimos são os seguintes<sup>3</sup>:

- 1) COSTA, Firmino. Lições Intuitivas<sup>4</sup>. *Revista do Ensino*. Número 6, p.155-156, 1925.
- 2) CAMPOS, Vitália. Como se faz uma lição de aritmética – Idéa dos valores um, dois, etc até nove. *Revista do Ensino*. Número 10, p. 24-29, 1926.

<sup>3</sup> Os títulos estão apresentados em ordem cronológica de publicação na Revista, mantendo a sua grafia original. Os exemplares consultados encontram-se disponíveis na página do Arquivo Público Mineiro (<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/>) na plataforma Hélio Gravatá (consultado em 10/04/16).

<sup>4</sup> O título desse artigo encontra-se escrito no banco de dados do NIEPHE da seguinte maneira: “Lições Intuitivas - II Números Romanos; III Composição oral de cartas; IV Lei de 13 de maio”. No entanto, na Revista do Ensino, ele aparece apenas como Lições Intuitivas; as outras partes correspondem aos títulos das seções do texto.

- 3) CAMPOS, Vitália. Como se faz uma lição de aritmética – Idéa de metade, dobro, terça parte, etc. *Revista do Ensino*. Número 11, p. 41-44, 1926.
- 4) CAMPOS, Vitália. Como se faz uma lição de aritmética. *Revista do Ensino*. Número 12, p. 85-89, 1926.
- 5) TRURAN, Emília. Primeira aula de geometria. *Revista do Ensino*. Número 13, p. 123-124, 1926.
- 6) CAMPOS, Vitália. Como se faz uma lição de aritmética - Modo de se obter a soma ou o resto dos diferentes números simples, sem o trabalho fastidioso de decoração das respectivas tábuas. *Revista do Ensino*. Número 13, p. 137-140, 1926.
- 7) TRURAN, Emília. Aula de geometria – Noções de ângulos e direção das linhas em relação a outras. *Revista do Ensino*. Número 14, p. 164-165, 1926.
- 8) TRURAN, Emília. Aula de geometria – Noção de cubo, face, ângulo e aresta. *Revista do Ensino*. Número 15, p. 204-205, 1926.
- 9) CAMPOS, Vitália. Como se faz uma lição de aritmética – Como se fórmula, intuitivamente a taboa de multiplicar, fazendo aplicação dos conhecimentos dados no 1º ano. *Revista do Ensino*. Número 15, p. 209-214, 1926.
- 10) AUTOR DESCONHECIDO. Aula de geometria – Noções de paralelepípedo e retângulo. *Revista do Ensino*. Número 16-17, p. 269-271, 1926.

Os dez artigos listados acima foram lidos em sua íntegra e estudados tendo em vista os objetivos deste trabalho. Vamos nos referir a eles pela indicação numérica de 1 a 10 definida acima.

O artigo 1 é o único de nosso levantamento que foi publicado no primeiro ano de circulação da *Revista do Ensino* (1925). Ele se diferencia dos demais primeiramente pelo fato de que seu autor, Firmino Costa, não aparece como autor de outros artigos nos exemplares seguintes, até 1926. Além disso, seu primeiro título é ligeiramente diferente dos demais textos que contemplam a aritmética e esse texto focaliza outras áreas além da matemática.

Os outros nove artigos (indicados de 2 a 10) pertencem aos exemplares do ano de 1926. Verifica-se que nesse ano houve uma maior regularidade das publicações relacionadas à matemática, uma vez que em todas as revistas numeradas de 10 a 17 há pelo menos um artigo que trata dessa disciplina. Observa-se, também, que cada um desses artigos aborda exclusivamente a matemática, diferentemente do artigo 1.

Os artigos do ano de 1926 parecem integrar duas seções temáticas dedicadas à matemática na Revista do Ensino: uma envolvendo a aritmética e outra envolvendo a geometria. Assim, a aritmética, era tratada na seção “Como se faz uma aula de aritmética”, de autoria de Vitália Campos, e a Geometria era o foco da seção “Aula de Geometria”, de autoria de Emília Truman. Ainda que não haja uma indicação da autoria do artigo 10, e mesmo com a pequena variação do título principal do artigo 5 (“Primeira aula de geometria” ao invés de “Aula de Geometria”), ambos possuem abordagem semelhante aos demais textos referentes à geometria.

Os artigos 1, 2, 3 e 9 indicam que as orientações apresentadas são para o primeiro e o segundo ano do ensino primário. Ainda que nos demais artigos não haja essa referência, supomos que focalizem também esses anos escolares, já que o conteúdo abordado é similar ou os textos representem uma continuidade em relação ao que havia sido desenvolvido nos artigos precedentes da seção.

Em relação à Aritmética, focalizam-se principalmente as operações fundamentais (adição, subtração, multiplicação e divisão) com números naturais até nove, bem como algumas noções de frações de quantidades discretas (metade e terça parte).

Em Geometria, as noções de ponto, reta, espaço, ângulos, sólidos geométricos (cubo e paralelepípedo) e suas características são tratadas, principalmente, a partir do estímulo à observação do ambiente e ao manuseio de formas e figuras por parte do aluno.

No quadro a seguir sintetizamos as temáticas focalizadas nos artigos.

Quadro 2 – Temáticas Abordadas nos artigos da Revista do Ensino que tratam a matemática ou seu ensino – 1925 e 1926.

Artigo	Ano do ensino primário a que se refere	Tema	Subtema
1	2º ano	Aritmética	Números romanos.
2	1º ano	Aritmética	Noções de quantidade e operações fundamentais com números naturais até 9.
3	1º ano	Aritmética	Noções elementares de frações de uma quantidade discreta (metade e terça parte) e operações fundamentais com números naturais até 9.
4	Não indicado	Aritmética	Noções elementares de frações de uma quantidade discreta (metade e terça parte) e operações fundamentais com números naturais até 9.
5	Não indicado	Geometria	Conceitos de ponto, reta, espaço e volume.

6	Não indicado	Aritmética	Noções de quantidade e operações fundamentais com números naturais até 5.
7	Não indicado	Geometria	Conceito de ângulo e suas classificações (agudo, obtuso e reto) e bissetriz de um ângulo.
8	Não indicado	Geometria	O cubo e seus elementos - vértices, faces e arestas.
9	2º ano	Aritmética	Retomada de conhecimentos abordados no 1º ano do ensino primário sobre as operações fundamentais com números naturais até 9.
10	Não indicado	Geometria	O paralelepípedo e seus elementos - vértices, faces e arestas. Construção do paralelepípedo com papel a partir da medida das suas dimensões em centímetros.

Todos os artigos são estruturados através de um diálogo, aparentemente fictício, entre uma professora e os alunos de uma turma do ensino primário. Nesses diálogos, uma série de situações didáticas envolvendo a matemática são propostas e intermediadas pela professora, conduzindo a participação dos alunos. Como exemplo, apresentamos a seguir um fragmento do artigo 3, que se refere a uma aula de aritmética em que se trabalham os conceitos de metade, dobro, triplo e terça parte, e um fragmento do artigo 7, que concerne a uma aula sobre as noções relativas a ângulos. Em todos os fragmentos apresentados abaixo, mantivemos a grafia do original:

P. – Alcides, tire na mesa dois livros. Reparta-os com dois colegas seus. (Depois da distribuição). Quantos livros você deu a cada um?

A. – Dei um livro a cada um.

P. – Quantos ficaram para você?

A. – Para mim, não ficou nenhum.

P. – Cada colega seu que parte dos livros recebeu?

A. – Cada um recebeu a metade dos dois livros.

(Fragmento do artigo 3, p.41)

P. – Às figuras formadas por duas linhas que se encontram damos a denominação de - ângulos. Os ângulos podem ser mais, ou, menos abertos. Os mais abertos são os maiores.

A. – Então o Paulo fez um ângulo maior, não é?

P. – É isso mesmo; apesar de Helena ter feito as rectas maiores o ângulo é menor.

(Fragmento do artigo 7, p.164)

Em meio aos diálogos apresentados nos artigos, o leitor encontra algumas indicações metodológicas quanto ao tratamento do(s) tema(s) da aula, como a orientação quanto ao ensino das quantidades, exemplificada a seguir, num fragmento do artigo 2:

Não convém que a professora passe além de cinco, enquanto a classe não souber lê, conhecer os cinco primeiros números, pelos seus valores, com variados exercícios sobre as quatro operações e escrevê-los bem no quadro e nas lousas.

(Fragmento do artigo 2, p.29)

Em linhas gerais, as aulas apresentadas através dos diálogos parecem se constituir como exemplos de como os diferentes temas contemplados deveriam ser trabalhados em sala.



Inferre-se que, por meio desses exemplos, orientações, diretrizes e ideias pedagógicas eram comunicadas numa tentativa de formar/instrumentalizar o professor<sup>5</sup>-leitor para o cenário educacional que se desejava construir naquele período. Considera-se que aqui está presente um primeiro indicativo da existência de preocupações do governo estadual com a preparação do professor para o trabalho, em busca da implementação das inovações pedagógicas desejadas, conforme comentamos na seção anterior.

Alguns trechos dos artigos evidenciam, também, o interesse em envolver diretamente os alunos no processo de ensino-aprendizagem. Recomenda-se, neles, por exemplo, que as atividades propostas despertem o interesse das crianças, tendo o professor a responsabilidade de mobilizar os elementos da realidade e do ambiente do estudante para favorecer tal processo, com o estímulo à observação visual e auditiva.

A professora apresentará a classe a tabela de Parker<sup>6</sup> (pag. 5) e fará perguntas sobre os quadros A, D, B, E e C de maneira a despertar a atenção e o interesse de todos os seus alunos. Para isto, ella aproveitará todos os elementos que lhe apresentarem na ocasião.

(Fragmento do artigo 2, p.24)

Deixar que os alumnos descubram os quadros e a metade das quantidades de bolas indicadas por elles, sem a menor interferência da professora. É este um dos meios de se ter presa a atenção de toda a classe, fazendo-a interessar-se, cada vez mais, pelo assumpto da lição.

(Fragmento do artigo 3, p.42)

A professora – (collocando sobre a mesa um livro, um tympano, um copo, chama para os mesmos a atenção das creanças, que curiosas como são, querem logo saber para quê tais objectos).

Estão todos vocês vendo estes objectos; elles estão occupando um logar que chamamos espaço, as casas, os moveis, a terra, occupam também logar no espaço.

(Fragmento do artigo 5, p.123)

Pela audição e pela vista, intuitivamente aprenderão os alumnos a somma e o resto do número 5 ou de outro qualquer, sem a menor difficuldade, porque esse modo lhe desperta a atenção e o interesse, sem o que é baldado todo e qualquer esforço do educador.

(Fragmento do artigo 6, p.139)

<sup>5</sup> Apesar de usarmos a palavra professor para nos referirmos ao regente de classe, considerando a possibilidade de que esse pudesse do sexo masculino ou feminino, nos artigos analisados, usa-se sempre o termo professora, o que nos leva a supor que a maior parte dos regentes de classe eram do sexo feminino.

<sup>6</sup> Acreditamos que a expressão “tabela de Parker” se refira às *Cartas de Parker*, apresentadas por Valente (2008) como “um conjunto de gravuras cujo fim era o de auxiliar o professor a conduzir metodicamente o ensino, sobretudo, das operações fundamentais” (p.4). Segundo o autor, o uso das cartas fazia parte de uma proposta de inovação do ensino de aritmética como contrapartida à forma tradicional pela via de memorização das tabuadas. Para Valente (2008), as *Cartas de Parker* constituem-se como um material característico do ensino intuitivo (p.6).



Em outros fragmentos, encontramos a indicação de atividades manuais para o aprendizado de noções matemáticas, especialmente de geometria:

Até que vocês aprendam a traçar uma bissetriz poderão obtê-la do seguinte modo: recortar em papel o ângulo e dobrá-lo ao meio; a linha formada pela dobra será a bissetriz.

(Fragmento do artigo 7, p.164)

P – Recortem com a tesoura o desenho, mas com muito cuidado. Dobrem o papel em todas as linhas que estão traçadas e cole com goma arábica as beradinhas. Que figura formaram?

A – Um cubo!

(Fragmento do artigo 8, p.205)

Poderá aproveitar os conhecimentos dos alunos nas aulas de trabalhos manuais, mandando cortar pequenos quadrados, retângulos, etc., que serão depois colados em meias folhas de papel ou em cadernos, nos quais aplicarão o papel cortado, fazendo os números conhecidos ou exercício de subtração.

(Fragmento do artigo 6, p.140)

Mauro, vai tirar na mesa dez quadrados de papel que vocês cortaram à hora dos trabalhos manuais. Divida com três colegas seus, mas antes de dividi-los você vai dizer-me quantos vão sobrar para você.

(Fragmento do artigo 4, p.88).

Verificamos também a ênfase na necessidade de compreensão a partir de observações visuais e manipulação de objetos, em detrimento da memorização de procedimentos e operações que havia dominado as práticas mais antigas:

Assim, com o variado exercício dos valores dos cinco primeiros números os alunos, brincando e se distraíndo com aplicações dos conhecimentos dados com lápis, canetas e outros objetos, aprenderão a ter noção de soma, subtração, multiplicação e divisão, ao mesmo tempo que, intuitivamente, se preparam para noções de metade, terça, quarta, quinta, etc. partes e os diversos modos de obter-se a soma dos ns. conhecidos, evitando-se o trabalho fastidioso de decoração da taboá de somar.

(Fragmento do artigo 2, p.29)

Esse conjunto de aspectos identificados a partir da análise dos artigos nos leva a considerar que as orientações para o ensino de matemática veiculadas na Revista do Ensino, em 1925 e 1926, aproximam-se às recomendadas pelo denominado ensino intuitivo. Essa proposta se difundiu no Brasil a partir da década de 1870, tendo como um dos seus mais importantes defensores o Conselheiro do Império Rui Barbosa<sup>7</sup> (RESENDE, 2004). Teceremos algumas breves considerações sobre esse resultado na seção seguinte.

<sup>7</sup> Segundo Resende (2004), Rui Barbosa, traduziu para o português, em 1881, e publicou, em 1886, o manual “Lições de Coisas” do americano Norman Allison Calkins, que instrumentalizava pais, professores e alunos

#### 4. Considerações Finais

Segundo Gomes (2014), as transformações sociais decorrentes da Revolução Industrial impuseram mudanças no ensino escolar, especialmente por meio de críticas ao processo de aprendizagem centrado na memorização, abstração e repetição de conteúdos em detrimento da compreensão (p.121).

Nesse contexto, o método intuitivo, baseado na valorização da intuição como fonte de conhecimentos, passa a ser “concebido como uma estratégia de combate ao ensino escolar então dominante” (GOMES, 2011, p.55).

Em contraposição às práticas pedagógicas anteriores, o método intuitivo propunha

a observação de fatos e objetos pelos estudantes, que deveriam ser envolvidos em situações de aprendizagem em que o conhecimento não seria simplesmente transmitido e guardado de cor, mas surgiria no entendimento da criança a partir do instrumento proporcionado pela experiência dos sentidos. (GOMES, 2014, p.122).

Nesse processo, o professor deveria conduzir o ensino, de modo que o estudante tivesse um papel ativo, e cuidar para que o ensino fosse algo concreto (RESENDE, 2004, p.83).

Na seção anterior, vários fragmentos dos artigos estudados trazem indícios de uma aproximação das perspectivas da pedagogia intuitiva, o que nos leva a situar as orientações para o ensino da matemática no período investigado no interior dessas perspectivas. Há de se ressaltar, porém, que a confirmação de tal hipótese demanda um maior aprofundamento da pesquisa.

Entendemos, ainda, que, embora as orientações identificadas nos 10 artigos pareçam servir como referência para o modo como se pretendia que o processo de ensino fosse realizado, somente a análise feita não assegura que tais orientações tenham sido de fato seguidas na escola primária mineira.

Por fim, ressaltamos que a análise aqui apresentada constitui somente um primeiro olhar sobre parte do material de uma pesquisa de doutorado em andamento. Pretendemos, em

---

sobre as concepções da pedagogia intuitiva, tornando assim um marco para a sua difusão no Brasil enquanto método (p.83).

trabalhos futuros, realizar um detalhamento e um aprofundamento na investigação aqui relatada.

## 5. Referências

BICCAS, M. de S. **O impresso como estratégia de formação**: Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1940). Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

FIORENTINI, D.; LORENZATO, S. **Investigação em Educação Matemática**: percursos teóricos e Metodológicos. Campinas: Autores Associados, 2006.

GOMES, M. L. M. As lições sobre números entre as lições sobre coisas do manual de Norman Allison Calkins traduzido por Rui Barbosa. In: GARNICA, V. M.; SALANDIM, M. E. M. (org.). **Livros, Leis, Leituras e Leitores**: Exercícios de Interpretação para a História da Educação Matemática. Curitiba: Editora Appris, 2014, cap.5.

GOMES, M. L. M.. **História do Ensino da Matemática**: uma introdução. Belo Horizonte: CEAD-UFMG, 2012.

GOMES, M. L. M.. Lições de coisas: apontamentos acerca da geometria no manual de Norman Allison Calkins (Brasil, final do século XIX e início do XX). **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas-SP, v.11, n.2 (26), p.53-80, maio/ago. 2011.

RESENDE, F. M. O domínio das coisas: o método intuitivo em Minas Gerais nas primeiras décadas republicanas. In: GOUVÊA, M. C. S.; VAGO, T. M. (org.). **Histórias da Educação: histórias de escolarização**. Belo Horizonte: Edições Horta Grande, 2004.

VALENTE, W. R. O ensino intuitivo de aritmética e as Cartas de Parker. In: CONGRESSO BRASILEIRO EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5, 2008, São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, Aracajú. **Anais...** São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, Aracajú, 2008. p.1-8.

VEIGA, C. G. **História da Educação**. São Paulo: Ática, 2007.